

Apresentação

Este número da Revista CESUMAR de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas constitui-se na publicação de um material produzido nos limites de uma experiência entre esta instituição educacional e o Jornal *O Diário*, da cidade de Maringá. É importante mencionar que essa experiência se fez durante dois anos em dois projetos distintos, marcando, esse percurso, o interesse gradativo em divulgar alguns resultados obtidos.

A importância em socializar os ganhos educacionais com esse trabalho é maior na medida em que se sabe ter a geração atual características muito distintas daquelas que faziam do leitor contumaz o personagem principal em todos os fóruns sociais. O leitor obstinado de ontem, que sentia grande prazer em conhecer a cultura local, regional, nacional ou internacional, sem se perceber pressionado ou condenado ao dever da leitura como um ato autoritário, não existe mais nem na família, nem na escola, nem no mundo do trabalho. O prazer do homem de hoje, não passando pelas letras, mergulha a todos no brilho dos espetáculos, na fugacidade, na hiper-realidade, enfim, em tudo aquilo que indisponibiliza condições para a regularidade e, como tal, para reflexões com as exigências que lhe são pertinentes.

Dentro dessa nova forma de se dar ou de se buscar prazer, a questão mais contraditória da atualidade, é o fato de ser constantemente repetido o refrão de que vivemos na era da “sociedade do conhecimento”. Confunde-se a grandeza e a complexidade das redes de informação com o conhecimento propriamente dito dos indivíduos que abandonaram a crença na razão, na ciência, na política, até mesmo na ética. Sem questionamentos maiores, em uma prática coletiva, o mundo põe em ação a desqualificação do antigo paradigma que determinava o conhecimento por outras variáveis que não o efêmero, o interesse imediato, o relativismo utilitário.

Ora, levar alguém, contra a correnteza, a sentir prazer em ler, em abrir-se para a reflexão sobre a realidade que lhe cerca, é um ato não só corajoso como um ato pedagógico que confirma tanto o compromisso da educação com a sociedade como o compromisso com outras modalidades de obter satisfação ou deleite. E esse foi o desafio

do Projeto O JORNAL NA UNIVERSIDADE 2005, coordenado por Rachel Brotherhood, integrante do Núcleo de Apoio Pedagógico do CESUMAR.

Concretizando tais objetivos, os alunos mergulharam no ato de ler e de refletir sobre problemas sociais partindo de matérias e/ou reportagens do Jornal *O Diário de Maringá*. Duas áreas fundamentalmente mobilizaram os alunos: a de saúde e a de políticas públicas ligadas à ao uso da terra. A terceira, de menor interesse em termos discursivos, dizia respeito à própria importância de ler que, na verdade já havia se configurado nos artigos escritos.

Assim, Gabriela Pazian, Zaiara Sass, Vinícius Santana, Andréa Oliveira, Fabiane Sehaddeh e Alessandra Romano, em 4 artigos, mostraram sua preocupação com a resistência orgânica ao uso indiscriminado de antibióticos, com o crescimento, nesse quadro, de doenças oportunistas, sinalizando para condutas hospitalares que podem levar a surtos de infecção, assim como para campanhas necessárias para a prevenção de pandemias como a AIDs.

Já Graziella Bettão, Maria Angélica Lopez e Maria de Lourdes Navarro, encaminham suas reflexões para as políticas públicas comprometidas com a saúde nutricional da população pobre. Andréa Motta e Dione Silvestre, por outro lado, encaminham um debate sobre Gastronomia e Culinária Japonesa, como uma possibilidade de educação e humanização mais ampla do que a simples idéia de degustação sempre colada a essas matérias.

Sidneia Martins e Joana Aguiar entram por dentro de outra área, deveras atual, falando sobre a depressão dos idosos, em um país que envelhece. O tema alerta não só para as características da depressão, que podem passar despercebidas, inclusive para os mais próximos da pessoa afetada por ela, como para a complexidade dessa doença que vem aumentando em nosso tempo.

Como já se disse, o uso da terra, por outro lado, com uma grande diversidade de abordagens, é o segundo núcleo concentrador de preocupações dos jovens. Enquanto Kendra Barão e Camila Souza falam do mau uso do solo urbano nas imediações de Maringá, influenciadas pelas matérias jornalísticas da cidade, Thaís Corazza e Danielle Dias de Oliveira abordam a responsabilidade do Município em rela-

ção aos loteamentos clandestinos e a legitimidade do Ministério Público manifestar-se, frente a isso, em defesa dos interesses públicos. Também nesta linha, Sofia Ergoroff Fagolin e César de Souza Cardoso descrevem o processo de construção do Plano Diretor da cidade de Maringá, demonstrando preocupação com a dimensão participativa deste mecanismo. Eliana Mantovani e Marli Nunes, por sua vez, reivindicam, sob forma diversa, a implementação de políticas urbanas em Maringá que possam beneficiar o desenvolvimento da cidade através de investimentos empresariais e/ou de geração de empregos. Associando imóvel com moradia, ou com o direito à tranquilidade em residências particulares, João Luiz Campos e Marcelo Coelho, partindo de direitos Constitucionais interrogam o Poder Público que, sob condições precárias de segurança, instalam presídios em locais (urbanos) inapropriados. Alargando esse campo de preocupação, Rubens Marcon e Renata Numoto trazem a Reforma Agrária como objeto de questionamento, se perguntando, indiretamente porque a legislação já existente não consegue nem encaminhar nem aplacar os desassossegos pertinente a essa área.

Para finalizar, um texto sobre alunos vinculados ao Curso de Serviço Social. Jefferson Gustavo Campos e Wilmara Rocha Lima nos incitam pensar na importância da leitura na vida dos acadêmicos. Ultrapassar a simples decodificação de signos lingüísticos e interpretar o que o universo da linguagem escrita nos oferece é, decididamente a conquista de um determinado tipo de prazer.

Pelo conjunto dos trabalhos apresentados percebe-se que os articulistas, jovens alunos do CESUMAR, através da sistemática leitura do Jornal *O Diário*, com a orientação de docentes de diversas áreas, conseguiram entrar legitimamente na sociedade da informação que só se legitima pela busca obstinada do saber.

Lízia Helena Nagel

Coordenadora do NAP – Núcleo de Apoio Pedagógico